Bordar problemas: criação fabulativa com as mangueiras da comunidade quilombola de Mituaçu

Gabriela Novaes Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte| Natal, Brasil
gabrielanovaesantos@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v34i1pe234133

Este trabalho apresenta o "Cenário fabuloso", um bordado inspirado nas histórias contadas em Mituaçu, uma comunidade quilombola localizada na cidade do Conde, no Estado da Paraíba. Tal bordado foi um dos processos e resultados da pesquisa que realizei no âmbito do projeto de extensão "Histórias de Quilombo" (Unila/UFPB)[1], uma iniciativa que desenvolve uma série de atividades junto à comunidade desde 2017 e que tem como principal objetivo a busca por formas de construção colaborativa, criativa e valorativa dos fazeres e saberes territorializados[2].

Conheci Mituaçu em 2020, durante a pandemia de covid-19. Nesse período marcado pelo isolamento social, a equipe do projeto de extensão passou a se encontrar por meio de reuniões remotas, realizando leituras e revisitando o acervo online que foi criado em 2018 e que reúne milhares de fotos, vídeos, áudios e descrições. Pensando em diferentes possibilidades de continuidade das atividades, debruçamo-nos sobre esses materiais do acervo e os transformamos em textos, desenhos e colagens, enquanto também fomos nos aproximando das várias questões que apareciam sobre as relações entre humanos, plantas, animais, rios e fungos na comunidade. Assim, pude entrar em contato com as histórias contadas pelas mulheres anciãs de Mituaçu, como Dona Beré, Dona Penha e Dona Maria Aparecida.

Uma dessas histórias contada por Dona Beré fala sobre a chegada e as transformações provocadas pelo chamado "mau do Recife", um fungo — o *Ceratocystis fimbriata* — que se acopla nas mangueiras (*Mangifera indica*) através das suas copas ou de suas raízes e que afeta a coloração das folhas e do tronco até causar a morte da planta[3]. A chegada do fungo matou inúmeras mangueiras de Mituaçu, transformando não apenas a paisagem, mas também as relações na comunidade. Conta-se, por exemplo, que antes da chegada do fungo algumas árvores serviam como localização entre pessoas da comunidade (Paixão, 2014) e que houve uma época em que lá

[1] A pesquisa foi realizada ao longo de 2022 e 2023 e deu origem à monografia que defendi no curso de licenciatura em ciências sociais da Universidade Federal da Paraíba, onde refleti sobre o bordado como prática tátil-reflexiva (Santos, 2023).

[2] Dentre as várias ações coletivas do projeto, destaco a realização de oficinas de bordado livre com o grupo Fuxico do Bem (Santos, 2023) e a produção do Cordel Ilustrado com informações de saúde e segurança no contexto pandêmico (Azevedo; Paixão; Pinheiro, 2022b), da Coleção Etnobotânica (Azevedo; Paixão; Pinheiro, 2022a) e da cartilha "Plantas que têm história: Mituaçu" (Azevedo; Paixão; Pinheiro; Santos; Santos; Guimarães; Chianca, 2022).

[3] Para fazer o desenho, Aina Azevedo inspirou-se na narrativa sobre a chegada do "mau do Recife" elaborada por Dona Beré (*in memoriam*). Tal narrativa foi registrada em uma entrevista conduzida por outra integrante do projeto, a antropóloga Aline Paixão.

era escuro em decorrência das sombras geradas pelas mangueiras. Os pés de manga escureciam os caminhos e a cor das folhas servia como ponto de referência: "moro lá perto da mangueira escura", "vou ali, no caminho da mangueira clara".

Exceto por algumas fotos, quando realizei o bordado, eu ainda não conhecia as mangueiras de Mituaçu ou a arquitetura das casas da comunidade. Mesmo fisicamente distante do território, resolvi acionar os bordados em minhas produções, uma prática que aprendi com artesãs da minha família. Para a confecção do "Cenário fabuloso", inspirei-me nas histórias da chegada do "mau do Recife" e, sobretudo, no desenho "O choro das mangueiras" realizado por Aina Azevedo (Aina Azevedo; Aline Paixão; Patrícia Pinheiro, 2022).

Compreendo que o bordado é "fabuloso" em razão de minha criação fabulativa da comunidade e de suas relações (Haraway, 2023). As linhas interagem com circulações da memória, com as práticas das mulheres, suas sociabilidades com as plantas, com as hortas, roçados e quintais. As folhas das mangueiras estão sobre as casas da comunidade, enquanto choram, e as linhas colocadas em *ponto atrás* pela agulha sobre a trama do tecido buscam refletir sobre as relações multiespécies na comunidade. Assim, o bordado esboça reflexões sobre a prática científica e manual feita por e com mulheres, acenando para outras relações afetivas e caminhos teórico-metodológicos que assumem como ouvir e contar histórias é essencial a uma antropologia compartilhada.

No compartilhar de histórias como essa, que se transformam em outras narrativas gráficas, manuais e orais, de criação conjunta e criativa, aprendemos que, em Mituaçu, "as plantas protegem, curam e alimentam" (Azevedo; Paixão; Pinheiro, 2022a, p. 170). As mulheres da comunidade têm protagonismo com a salvaguarda de saberes, de receitas para cura e prevenção e de contos de vida e morte que envolvem as mangueiras e diversas outras plantas que nascem espontaneamente em suas calçadas, ou que são plantadas e cuidadas em seus quintais e roçados. Entre os "matos" que brotam sozinhos nas rachaduras entre as paredes ou na beira da estrada de terra batida, estão plantas que podem ser usadas como remédios, lambedores, proteção, bênção.

Dona Maria Aparecida cuida do seu roçado e do seu quintal com pé de maracujá e de hortelã da folha grande e miúda, capim santo, pés de frutas, como as próprias mangueiras. No quintal que Dona Beré cuidava, havia capim santo, quiabo e jerimum, hortelã da folha grande e mastruz. Em seu sítio, jaqueira e pé de manga, coqueiro que ela mesma plantou, bananeira, cajazeira e pé de acerola (Azevedo; Paixão; Pinheiro; Santos; Santos; Guimarães; Chianca, 2022). Dona Penha cuida das mesmas plantas no quintal de sua casa, mas também tem boldo, quebra-pedra e espinho-de-cigano.

Na relação tecida pelas mulheres com mangueiras e outras plantas nos quintais ou nos desenhos e bordados em tecido de brim cru, podemos perceber os entrelaçamentos e continuidades entre humanos, plantas e fungos. Nesse sentido, a fabulação especulativa (Haraway, 2023) que proponho a partir do "Cenário Fabuloso" visa colocar em relevo que o mais importante é brincar e especular sobre as vidas em co-manejos inesperados no fazer científico. O bordado conecta-se com a fabulação. São métodos que pensam métodos, histórias que contam histórias, fazeres que manejam fazeres. Sendo tela têxtil na qual construímos novos problemas e organizamos problemas antigos, o bordado importa para pensar — e bordar — epistemologias, mesmo porque se o espaço na tela têxtil de brim cru for completamente coberto pelas linhas de meada, ainda assim é possível bordar novas linhas sobre as linhas.

A contação de histórias tem sido uma escolha importante no processo de apresentação da pesquisa antropológica que sublinha a importância de atentarmos não só ao processo, mas também ao ponto do qual partimos em nossas pesquisas. Ao utilizar o bordado como possibilidade teórica, metodológica e política (Peixoto, 2020), a prática antropológica é transformada em uma arte da pesquisa (Ingold, 2022) tátil-reflexiva. Esse caminho artesanal elege e alinhava o contato tátil como algo fundamental na criação e, ao mesmo tempo, articula arte e pesquisa antropológica, ajudando a tecer sentidos e relações. Aqui, a história das mangueiras e sua relação com as mulheres de Mituaçu inspirou caminhos artesanais para pensar as potencialidades e problemáticas do vínculo entre comunidade quilombola e universidade, entre plantas, fungos e histórias, entre mulheres não-quilombolas com mulheres quilombolas, entre artesanato e fazer antropológico.

© NOVAES SANTOS, 2025.

Imagem 1: Cenário fabuloso.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Aina; PAIXÃO, Aline; PINHEIRO, Patricia. 2022a. "Convivendo no quilombo de Mituaçu (PB): De uma coleção etnobotânica a uma coleção de histórias". *Iluminuras*, 23, no. 61: 149-174. DOI: https://doi.org/10.22456/1984-1191.123398

AZEVEDO, Aina; PAIXÃO, Aline; PINHEIRO, Patricia. 2022b. "Diários de extensão em tempos de exceção: o projeto "Histórias de Quilombo" na pandemia." In: RAMIRO, Patrícia; FRANCH, Mónica; AMORIM, Ninno. (Org.) *Ciências Sociais em Debate: crise e crítica social em tempos da covid-19, 225-239*. João Pessoa: Editora UFPB.

HARAWAY, Donna. 2023. *Ficar com o problema: fazer parentesco no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições.

INGOLD, Tim. *Fazer: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

PAIXÃO, Aline. 2014. *"Aqui todo mundo é parente": Dinâmica territorial, organização social e identidade entre os Quilombolas de Mituaçú, PB*. Monografia (Bacharel em antropologia social). Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto.

PEIXOTO, Fernanda. 2020. Os riscos da agulha. *Revista Trilhos*, Santo Amaro, Bahia, v. 1, n. 1, p. 75–91. https://revistatrilhos.com/home/index.php/trilhos/article/view/19

PINHEIRO, Patrícia dos Santos; PAIXÃO, Aline; AZEVEDO, Aina; SANTOS, Gabriela Novaes; SANTOS, Thayonara; GUIMARÃES, Ana Julia; CHIANCA, Luciana. 2022. *Plantas que têm história: Mituaçu*. São Leopoldo: Casa Leiria.

SANTOS, Gabriela Novaes. 2023. *Fuxico do Bem: alinhavos entre memória, educação e bordado no quilombo de Mituaçu*. TCC (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. https://www.academia.edu/116092527/Fuxico_do_Bem_Alinhavos_entre_mem%C3%B3ria_educa%C3%A7%C3%A3o_e_bordado_no_quilombo_de_Mitua%C3%A7u_Conde_PB_

sobre a autora

Gabriela Novaes Santos

Tem se dedicado à pesquisa do bordado enquanto metodologia compartilhada, antropológica e pedagógica. É bordadeira e educadora popular, graduada em Ciências Sociais (UFPB) e mestranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN). Desde 2020, faz parte do projeto Histórias de Quilombo (Unila), onde tem pesquisado junto com o grupo de artesãs Fuxiqueiras do Bem na comunidade quilombola de Mituaçu (Conde/PB). Faz parte do NAVIS (UFRN) e compõe as equipes editorias da Revista Equatorial (PPGAS/UFRN) e da Revista Direitos Humanos e Transdiciplinaridade (DCJ/UFPB).

Autoria: A autora é responsável pela coleta, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como pela sua redação.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Recebido em: 20/02/2025.
Aprovado para publicação em: 14/03/2025.